

974 <sup>21</sup>

218

# PRANTO DE MARIA PARDA,

Porque vio as Ruas de Lisboa com taõ poucos ramos das  
Tavernas, & o vinho caro.



**P**O'dem-se imprimir. Em S. Eloy de Lisboa a 14. de Julho de  
1619. *M. Vicente da Resurreyção.*

Concorda com este original impresso, que me fica em S. Eloy de  
Lisboa a 25. de Novembro de 1619.

*M. Vicente da Resurreiçãõ.*

Póde-se imprimir. *Fr. Francisco Guerreyro.*

*Com todas as licenças necessarias.*

Em Lisboa, por Domingos Carneyro, Impressor das tres Ordens  
Militares. Anno 1665.

21

mob 394722

F. 238

RES  
974 21 8

Começa a obra.

**E** U só quero prantear  
este mal que a todos toca,  
que estou já como a minhoca,  
que porzerão a secar.

Triste desdentada, & seca,  
que tão alta está a canada  
para mim como as estrellas,  
oh coitadas das guellas.

Triste desdentada, escura,  
quem me trouxe taes mazelas,  
oh gingivas, e arnelas,  
deitas e ba de securas.

Carpi vòs beiços coitados,  
que já là vão meus toucados;  
& a mantilha a fardilha,  
hontem bebi a mantilha,  
que me custou tres cruzados.

Oh rua de São Giaõ,  
assim estás da forte melma:  
de inverno cheia de lama,  
& de malvas no verão,  
quem levou teus trinta ramos,  
& o meu mano bebamos  
isto a cada bocadinho,

oh vinho mano, meu vinho,  
que em má hora te gostamos.

Oh travessa zanguizarra,  
de mata-porcos escura,  
como estás de má ventura,  
sem ramos de barra a barra!  
porque tens ha tantos dias,  
as tuas pipas vazias,  
os toneis secos em pé,  
ou te tornastes Guiné,  
ou o rio das inguias.

Triste quem não cega em ver  
nas carneçarias velhas  
tantas fardinhas nas grêlhas,  
tanto sobre que beber,  
& agora estão erguidas  
as coitadas, & vazias  
das pipas desmeoladas;  
sizudas, e enfiadas.

Oh rua da ferraria,  
onde as pipas erão mais,  
como estás cheia de graes  
com tanta louça vazia.

Já me a mim aconteceu  
em manhã chuvosa, e fria  
beber sobre huma azevia  
duas canadas, & mais.

Rua

Rua de Cata que faràs,  
 que farey, & que farás,  
 quando vos vi tal chorey,  
 & torneyme para detraz,  
 que foy do vosso bom vinho,  
 & tantos ramos de pinho,  
 laranjas, papel, & cana;  
 onde bebemos, Joanna;  
 & eu centro & hum cinquinho.

Oh taverna da Ribeyra,  
 não vos virà a vós ninguem,  
 mosquito no veraõ que vem,  
 porque as aintereceira.

Triste que lerá de mim!  
 que mãs horas vos eu vi!  
 que mãs horas me vós vistes,  
 que mãs horas me paristes,  
 mãy da filha do ruim.

Quẽ nunca vio toda Alfama  
 com quatro ramos cagados,  
 os ternos todos quebrados,  
 os bicos da minha mama:  
 bem alli ao Santo Espirito  
 hia sempre dar no fito,  
 no vinho claro rozete,  
 oh, ò meu doce palhete,

quem pudera dar hum grito.

Oh triste rua dos fornos,  
 que foy da vossa verdura,  
 agora rua escura;  
 vos fez a falta dos tornos.

Quando eu rua por vós vou,  
 todos os traques, que dou  
 faõ suspiros de saudade,  
 para vós ventosidade,  
 naíci toda como o estou.

Fuyme ao paço do chaõ,  
 fuyme à praça dos canos,  
 carpi vós mana, e manos,  
 que a dezafeis o daõ.

Oh velhas amarguradas,  
 que entre tres sete canadas  
 fahiamos de beber,  
 agora tristes remoer  
 sete rayvas apertadas.

Oh rua da Mouraria,  
 quem nos fez matar a sede,  
 pela ley de Mafamede;  
 com a triste de agua fria.

Oh bebedores irmãos,  
 choray já que fois Christãos  
 pois nos Deos tirou o vinho,

oh triste anno cainho,  
vayte tu para os pagãos.

Os braços trago cançados  
de carpir estas queyxadas,  
as orelhas engelhadas,  
de me ouvirem tantos brados.

Querome ir às tavernas,  
taverneiros, medideiras,  
que me dem huma canada  
sobre meu rosto fiada.  
a pagalas pelas eyras.

Pede vinho à Biscainha,  
Oh Senhora Biscainha,  
fiayme canada, & meya,  
ou me day huma candeia,  
que se vay esta alma minha.

Acudi, minha querida,  
que tenho a madre cahida;  
& cerra-se o gorgomilo,  
em quanto posso engolilo,  
foccorreme minha vida.

Biscainha.

Naõ dou meu vinho fiado,  
idevos embora amiga,  
naõ tendes nenhum morgado,  
dizem lá que naõ he tempo,

de poufar o cù ao vento,  
fangrayvos Maria Parda,  
agora tem vez a purga,  
& arraya no Advento.

Diz

a João Cavalleyro Castelhano.

Doutor João Gavalleyro;  
que pareceis malhadeyro,  
dayme de beber tres dias,  
& farvos-hey meu herdeyro,  
naõ tenho filhas, nem filhos,  
só canadas, & quartilhos,  
tenho enxoval de guarda,  
se herdares Maria Parda,  
fereis fóra de empecilhos.

João Cavalleyro.

Amiga, dizem por villa,  
un exemplo de Palayo,  
que una cosa pide el bayo,  
y otra quien lo enfilla.

Pegad, si quereis beber,  
porque deveis de saber  
que quien su hegoa mal pea,  
aun que nunca mas la ve,  
el se la quiso perder.

Vayse a Branca Leda.

Branç

Branca Leda, que fazedes  
meu amor, Deos vos ajude,  
jà estou no ataude,  
se me vòs não foccorredes.

Fiayme ora tres meyas,  
que ando por casas alheyas,  
com essa sede taõ viva,  
que jà não acho cativa  
gota de sangue nas veas.

Branca Leda.

Olhay cà mulher de bem,  
dizem que em tempo de figos;  
não hà ahí nenhuns àmigos.  
nem os busque entaõ ninguem.

Diz o sengo la bixoso,  
que bem passa de goloso,  
o que come o que não tem,  
muita agua ha no bnrratem,  
& no poço do tinhofo.

Vayle a João do Lumiar,  
Senhor João do Lumiar,  
lume da minha cegueyra,  
esta he a verde pereyra,  
em que eu vos vi estar,  
fiayme hum jantar de vinho,  
& pagarvoshey em linho,  
que a minha lãa não preste,

tenho mandado huma besta  
por elle, entre Douro Minho.

João do Lumiar.

Exemplo de mulher honrada,  
que os ninhos de ha hum anno,  
não tem passaros no ganho,  
hivos que fois avifada.

Em quanto isto assim dura,  
matay com agua a secura,  
ou ide outrem enganar,  
que eu não me hey de fiar,  
de mula com matadura.

Maria Parda indo para casa  
de Martim Alho vay  
dizendo :

Amarga aqui hey de estar  
nesta manta embrulhada;  
oh Maria Parda coytacla,  
que não tem já que meijar.

Eu não sey que mal foy este  
peor cem vezes que a peste,  
quando era ramo, & retramo  
andava de ramo em ramo,  
não quero deste, mas deste.

Diz a Martim Alho.

Martim Alho amigo meu,

A 3 Mar:

Martim Alho meu amigo,  
taõ seco trago o imbigo,  
como nariz de Judeo.

De fede naõ sey que faça,  
ou fiado, ou de graça,  
mano, soccorreyme ora,  
que trago já os olhos fóra,  
como rola de negaça.

Martim Alho.

Diz hum verso costumado,  
quem quer fogo busque lenha,  
& mais seu dono da assenha  
apella de dar fiado.

Vós quereis dona folgar,  
& mandaisme a mim fiar,  
pois diz outro exemplo antigo  
traga em que se assentar.

Diz a Fabula.

Amor meu, Mana Fabula,

minha gloria, meu deleite,  
emprestayme do azeyte,  
que se me seca a matulla,  
atè que tenha dinheiro,  
fiay que pouco requeyro  
duas canadas bem puras,  
por não ficar às escuras  
que se me arde o candieyro.

Falula.

Dizem là quem muito pede,  
Mana minha muito fede,  
sete mil custou a pipa,  
se quereis fartar a tripa,  
pagay, que a vintem se mede.

Maria Parda.

Demo tanto sideraque,  
& tanto zarzaganã.



**V** Istas as informaçoens, pôdem-se imprimir estes Autos, & depois de impressos tornem para se conferir com o original, & se dar licença para correrem, & sem ella não correrão. Em Lisboa aos 19. de Novembro de 1619.

*Bartholomeu da Fonseca.*

*Fr. Manoel Botelho.*

*Gaspar Pereyra.*

*Antonio Dias Cardozo.*

*João Alvares Brandão.*

*D. Francisco de Bragança.*

**P** O'de-se imprimir. Em Lisboa aos 19. de Novembro de 1619.

*Damião Viegas.*

**D** Aõ licença ao suplicante para poder imprimir os Autos, & mais obras declaradas no rol adiante escritas, & rubricadas pelos revedores do Santo Officio, visto as licenças, que contêm; & depois de impressos tornarão para se taxarem, & sem ella não correrão. Em Lisboa 22. de Novembro de 1619.

*Pinto.*

*Fr. Cabral.*

**T** Ayxaõ este Auto em quatorze reis. Em Lisboa 22. de Novembro de 1619.

*Fr. Pinto Moniz.*